

O despertar do dragão: o nascimento do imperialismo chinês – O confronto imperialista USA-China (2002-2021)

MÁRIO MAESTRI*

Resumo: O presente artigo aborda a gênese, desenvolvimento e consolidação do imperialismo chinês, no sentido leninista do termo. Discute a abertura das administrações democratas, globalistas, à economia chinesa, com restrições durante a administração Obama e forte contra-ofensiva, primeiro mercantil, a seguir geral, contra a China e a Rússia, pela administração Donald Trump, que, inicialmente pretendia aproximar-se da Rússia e afastá-la da China. Destaca a continuidade e radicalização da administração democrata, que almeja a dissolução dos Estados centralizados chinês e russo. Conclui propondo as eventuais modalidades de procedimentos do governo J. Biden para alcançar a derrota geral daqueles países, antes que se fortaleçam, diante de um imperialismo estadunidense em regressão relativa.

Palavras-chave: Conflito China-USA; Imperialismo chinês; Imperialismo estadunidense.

Dragon awakening: the birth of chinese imperialism - The US-China imperialist confrontation (2002-2021)

Abstract: This article addresses the genesis, development and consolidation of Chinese imperialism, in the Leninist sense of the term. It discusses the opening of the Democratic and globalist administrations to the chinese economy, with restrictions during the Obama administration and a strong counter-offensive, first mercantile, then general, against China, by the Donald Trump administration, which initially intended to bring them closer together. away from Russia and away from China. It highlights the continuity and radicalization of the Democratic administration, which aims at the dissolution of the centralized Chinese and Russian states. It concludes by proposing the possible modalities of procedures of the J. Biden government to achieve the general defeat of those countries, before they get stronger, in the face of a relative regression of US imperialism.

Key words: China-USA conflict; Chinese imperialism; US imperialism.



* **MÁRIO MAESTRI** é brasileiro e italiano, professor colaborador do PPGH-UPF. Viveu e estudou como refugiado, no Chile e na Bélgica, de 1971-77. Participou ativamente da Revolução Chilena. Graduou-se e doutorou-se em História pela UCL, Bélgica. Lecionou em instituições universitárias e curso de Pós-Graduação no RJ e no RS. Tem livros publicados na Itália, França, Bélgica, Paraguai.

** Agradecemos a leitura da linguista Florence Carboni.

1. O nascimento do imperialismo de olhos amêndoas

Com quatro vezes a população estadunidense, a China está inserida na região mais povoada e economicamente dinâmica do mundo. Apenas Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura, Tailândia, Brunei, Vietnã, Mianmar, Laos, Camboja formam mercado consumidor de mais de seiscentos milhões de habitantes. A Índia aproxima-se da população da China e é o terceiro Produto Nacional Bruto mundial. O governo chinês facilitou as trocas com a Índia e diminuiu os laços com o Paquistão, para melhorar suas relações com aquele país, que, sob o governo populista do primeiro ministro de direita Narendra Modi, deterioraram-se. Nos últimos 25 anos, a China teve taxas médias de crescimento de 10%, vivenciando o tradicional processo de produção, acumulação e reprodução ampliada de capitais, que a transformou em uma nação imperialista, na acepção leninista do termo e segundo as singularidades que lhe são próprias e em que está inserida, no relativo ao tempo e à geografia. (LÉNINE, 1984.)

Elias Jabbour, membro do Comitê Central do PCdoB, filo-chinês de carteirinha, tido como ilustrado sinólogo, em 17 de agosto de 2020, propôs em forma rústica, em uma *live*: “Imperialismo é um país obrigar outro a abrir a fonte de capital, é um país obrigar outro à desregulamentação do mercado de trabalho, é um país obrigar outro a pegar empréstimos do FMI (...) e se não obedece a esse país, você é invadido e estuprado” como Kadafi na Líbia. (Duplo Expresso, 3:10, YouTube). A invasão de territórios é processo próprio aos inícios da civilização e foi praticada pelo *imperialismo romano*. A invasão foi e segue sendo utilizada por nações imperialistas modernas nas últimas décadas, com destaque para os USA. Mas não é determinação essencial do fenômeno *econômico imperialista* descrito sobretudo por V. I. Lenin. O Japão, a Suécia, a Suíça

são nações imperialistas que jamais invadiram ou não invadem outra nação há mais de setenta anos.

Em 1916, V. I. Lenin escreveu o ensaio *Imperialismo*: a fase superior do capitalismo, onde definiu o “imperialismo” como o “capitalismo que chegou a um estágio de desenvolvimento no qual se afirmou a dominação dos monopólios e do capital financeiro; onde a exportação de capitais adquiriu uma importância de primeiro plano; onde a divisão do mundo começou entre os *trusts* internacionais e onde se cumpriu a divisão de todo o território do globo entre os maiores países capitalistas”. Registrava a superação da fase “mercantilista” do capitalismo, com a necessidade das tradicionais guerras de domínio colonial e territorial, para manter reserva de mercado para o escoamento das mercadorias metropolitanas e para se apoderar de matérias-primas a baixo preço. E destacava a maior produtividade das empresas monopólicas em relação às de menor porte, como base do fenômeno imperialista, que conhece novas determinações na atual era do capital globalizado. (LÉNINE, 1984.)

O movimento de exteriorização da economia chinesa não nasceu da vontade de seu governo ou de seus empresários. O desbordar quantitativo e qualitativo da produção chinesa foi desdobramento natural do processo de reprodução ampliada de capital nacional e internacional em rentabilização produtiva na China, que superou a capacidade de consumo interno e os tradicionais mercados externos. (MAESTRI, 2021; TESTA, 1975, 20.) A produção em escala, os avanços tecnológicos e os capitais excedentes necessitavam e permitiam aplicação rentável no exterior como o ser humano necessita de oxigênio para viver. Impunha-se a conquista de novos mercados para a produção e para o investimento de capitais e a importação

crecente e segura de matérias-primas industriais e alimentos. Se isso não ocorresse, diminuiria a taxa da capacidade instalada das grandes indústrias e empresas da China com queda geral de sua rentabilidade e importantes sequelas político-sociais.

Uma crise longa da economia chinesa ameaçaria a organização estatal e a conformação nacional atual do país, sob o duro ataque do imperialismo estadunidense, iniciado quando da administração republicana de Donald Trump (2016-2020) e continuado na administração democrata de Joe Biden (2021). O dinamismo do imperialismo chinês obrigou o abandono da política militar maoísta, de defesa no interior do país apoiada na população civil, pela proposta “guerra popular em situação moderna”, que prevê ações militares defensivas e ofensivas no interior, nas fronteiras e no exterior do país. Com fortes investimentos, reduziu-se substancialmente os efetivos militares, em favor de tropas profissionais melhor armadas.

Atualmente, o país já dispõe de dois porta-aviões, está concluindo o terceiro e prevê contar com seis mais, até 2035. Já sem função quando de confronto geral entre grandes nações, devido aos novos mísseis hipersônicos, os porta-aviões permitem a exteriorização e projeção do poder militar de uma nação além de suas fronteiras. (SANJUAN, 2016. p. 159 *et seq.*) São instrumentos fundamentais para apoiar com ações militares as decisões de um país, mesmo em regiões distantes. Como um todo, a marinha de guerra chinesa é ainda inferior à dos USA. Entretanto, ela já ombreia com o poder naval ianque no Indo-Pacífico. A China possui, igualmente, a mais poderosa frota pesqueira que talvez supere os propostos mais de 2.600 navios de alto-mar. Ela serve também aos objetivos geopolíticos do Estado e é subvencionada pelo Estado chinês, como é

habitual nas nações envolvidas na atividade. (URBINA, 30.10. 2020.)

Conflito inevitável

A exteriorização dos capitais, dos serviços, etc. de uma nova nação imperialista choca-se inevitavelmente com os capitais hegemônicos “sur place” de imperialismo tradicional. Esse último domina as áreas e os mercados disputados, ou os guarda como “reservas de caça”. Quando os capitais imperialistas tradicionais são ameaçados pelos capitais emergentes, sem conseguir competir econômica e tecnologicamente, eles são obrigados a servir-se da hegemonia financeira, diplomática, militar, etc. que eventualmente detém, para antepor-se e vergar o apenas chegado. Nesse confronto, a força militar não é recurso de uso necessário, ainda que a possibilidade de lançar mão da mesma é imprescindível arma de pressão. Os USA submeteram o protagonismo internacional do capital monopólico japonês, visto como excessivo, impondo a valorização do Yen nos Acordos do (Hotel) Plaza, em Nova Iorque, em 22 de setembro de 1985. A medida lançou o Japão na estagnação relativa a qual ele segue se esforçando para superar. (MAMIGONIAN, 2018, 185.) Ainda que a medida não exigiu o emprego de força militar, o Japão continua sendo ocupado por tropas estadunidenses desde a II Guerra Mundial.

A tendência natural do grande capital imperialista de conformar o mundo segundo suas necessidades põe por terra, por um longo período, as visões de um mundo multipolar, mesmo no contexto de um equilíbrio mundial instável. Quando muito, é possível que nações imperialistas secundárias aceitem a vassalagem de nação hegemônica, como o Japão, a França, a Suécia, a Alemanha, etc. se submetem à suserania dos USA. No mundo do grande capital, não há espaço para dois senhores. Foi assim no passado, é assim no presente.

Catargo não conviveu com Roma. Não houve divisão entre o espaço mercantil islâmico e cristão. A França e a Inglaterra digladiaram-se até a vitória da segunda. A Alemanha tentou duas vezes conquistar a hegemonia mundial. A Inglaterra teve que ceder lugar aos Estados Unidos, que promoveram a destruição da URSS, que jamais foi nação imperialista, na proposta acepção leninista. No seio da esquerda, visões sobre um possível estabelecimento de «democracia nas relações internacionais» são desdobramento das ilusões colaboracionistas do passado, sobre a coexistência pacífica entre o grande capital e espaços pós-capitalistas.

Em dezembro de 2001, a República Popular da China ingressou na Organização Mundial do Comércio, com o decisivo apoio dos USA. Desde 2004, os investimentos chineses diretos externos (IDE) cresceram aceleradamente, sobretudo no imenso mercado asiático (70%), mas também na África, na América Latina, na Europa. Esses investimentos explodiram em 2014-6, avançando significativamente na América Latina (17%). No Brasil, entre 2007 e 2018, os investimentos chineses foram de US\$ 58 bilhões. A reorientação dos capitais chineses públicos e privados para financiamento de infra-estruturas, aquisição de empresas, *joint-ventures*, etc. no exterior fez recuar as compras de títulos da dívida USA, destino tradicional dos mega-excedentes do balanço comercial chinês com aquele país. Essas aquisições sustentaram e sustentam parcialmente, em forma decrescente, os déficits gerais estadunidenses — públicos, comerciais, etc. — 1,074 trilhões de dólares em junho de 2020. Nos últimos anos, a participação chinesa na dívida estadunidense, que chegara a 30%, caiu para 18,7%, em 2017. Em 2020, aquela participação havia involuído em 3,4%, mantendo a China ainda US\$ 1,07 trilhão de títulos da dívida pública estadunidense. A Rússia já vendeu

todos os seus títulos públicos estadunidenses. (Valor, 04/09/2020.)

A mega-iniciativa “Um Cinturão, uma Rota” — *One Belt One Road* — objetiva potencializar a produção e ampliar os mercados mundiais em conexão estreita com a China. Na nova ordem em construção, proposta pelo governo chinês como “comunidade [mundial] de destino associado”, a imensa maioria dos “caminhos” levarão a Pequim, não mais a “Roma”! Uma ferrovia, saindo da costa chinesa industrializada, cruzará o país através do noroeste retrasado, para chegar aos portos de Roterdã e Anvers, cruzando o Cazaquistão, a Rússia, a Polônia, a Alemanha. A viagem Pequim-Moscú exigirá dois dias em vez de uma semana. O investimento total no *One Belt One Road* foi de mais de dez trilhões de dólares, de 2016 a 2020. Em 2018, 33 dos 186 países do mundo já tinham a China como o principal comprador e 65 como o principal fornecedor de produtos e serviços. Naquele ano, das quinhentas maiores empresas mundiais 126 eram estadunidenses e 110 chinesas. Em 2016, os investimentos diretos anuais de capitais chineses já eram de 217 bilhões de dólares, cada vez mais próximos aos dos Estados Unidos. (SANJUAN, 2016. p. 89 *et seq*; PARANÁ, & RIBEIRO. 07/2019 – 12/ 2019. p. 62.) Nesse processo, avançou fortemente a dívida pública e privada chinesa. (CEBC, 11.9.2020.)

As administrações democratas de Bill Clinton (1993-2001) abraçaram fortemente a globalização e a deslocalização de milhares de empresas manufatureiras estadunidenses em direção sobretudo da China. Barak Obama, também representante dos capitais estadunidenses globalizados, com fortíssimas inversões na China, manteve aquela orientação, procurando pôr algumas travas ao avanço avassalador da economia chinesa — “Pivot to Asia”. (ASPENIA, 2018, p. 18.) George

Trump (2016-2020), representante sobretudo dos capitais estadunidenses voltados ao mercado interno, defrontou o avanço produtivo e comercial da China, denunciando a ofensiva da *One Belt One Road*. “A Iniciativa (...) é o termo abrangente de Pequim para descrever uma variedade de iniciativas, muitas das quais parecem projetadas visando reformular normas, padrões e redes internacionais para promover os interesses e a visão global de Pequim, além de atender aos requisitos econômicos domésticos da China.” (Casa Branca, 20.05.2020.)

O imperialismo faz mal à saúde

Como resultado da iniciativa “Um Cinturão, uma Rota”, já são muitos os Estados endividados com empresas chinesas públicas e privadas e não poucas obras infra-estruturais, se não tiverem os financiamentos pagos, passarão aos financiadores, por contrato. Após contrair empréstimo como parte do “Um Cinturão, uma Rota”, o governo da Quênia pediu renegociação dos 4,7 bilhões de dólares de empréstimo contraídos com capitais chineses para financiar a ferrovia Mombasa-Naivasha, concluída em 2017, que se mostrou de baixa rentabilidade. Com outros países africanos e através do mundo na mesma situação, os críticos da *One Belt One Road* falam de uma “diplomacia chinesa do endividamento”. A grosso modo, 25% dos empréstimos chineses no exterior estão sendo negociados, dando-se prioridade ao pagamento do principal e eventual redução-anulação dos juros. Devido a isso, a China está redimensionando sua oferta de empréstimos no exterior. (KRATZ *et al.*, 8.10. 2020; TAN e NYABIAGE, 03.10.2020.)

Mutatis mutandis, a subordinação tendencial *solidária* e não *violenta* de enormes regiões do mundo pelos capitais monopólicos chineses se assemelha ao mesmo movimento empreendido pelo

capital imperialista estadunidense, após a II Guerra, através do Plano Marshall (Programa de Recuperação Européia), com investimentos na Europa (à exceção da área de influência da URSS) de treze bilhões de dólares (da época) em quatro anos. O Plano Marshall foi uma ação de construção imperialista *doce* de dependência econômica-tecnológica-financeira, idêntica no geral, nesse relativo, à atual proposta chinesa. Destaque-se que o enorme esforço atual chinês para abrir novos mercados deve-se também ao fracasso relativo da tentativa de potencializar o consumo interno, após o retrocesso tendencial do comércio internacional, em 2008. O governo chinês tem dificuldade em fazer avançar na medida do que propõe o consumo interno. A burguesia internacional e chinesa negam-se a aumentar os salários praticados para não perderem as vantagens diferenciais de que gozam no país, em relação as nações desenvolvidas. Vantagem já em retrocesso. Devido à pressão estadunidense e ao aumento *normal* do valor do salário na China, muitas indústrias já se transferem para os países próximos de menor valor salarial. Prossegue atualmente com maiores resultados o esforço de desenvolvimento do monstruoso mercado interno chinês.

A baixa remuneração dos depósitos e investimentos bancários, nas grandes instituições públicas bancárias chinesas, que sustenta o financiamento da estrutura produtiva daquele país, deprime também o consumo das centenas de milhões de depositantes e investidores. Devido a tudo isso, o governo chinês foi obrigado a dinamizar o consumo nacional através da impulsão de grandes obras infraestruturais, com destaque para as redes ferroviárias de alta velocidade e para o mercado imobiliário, iniciativas com inevitáveis limites já que promovem endividamento interno e super-valorização dos imóveis. Mesmo dependendo cada vez mais da

exportação de capitais, no contexto da valorização relativa dos salários praticados no país e de deslocamento relativo de empresas para os países vizinhos, o parque industrial chinês necessita manter e expandir o ritmo exportador tradicional, no contexto de uma crescente e contraditória concorrência mundial, agora acirrada pela crise econômica ensejada pelo Covid-19. (MERCATANTE, 16. 08. 20.)

Com o passar dos anos, muitos analistas marxistas defensores do caráter “socialista” da formação social chinesa têm evoluído para posições mais matizadas, propondo uma formação social “mista” ou a ação moderada e mesmo controlada da Lei do Valor pela intervenção do Estado. (ROBERTS, 07/2015; GOODMAN, 2014, 29.) Os defensores dessa posição apoiam-se na indiscutível importância das empresas estatais ou controladas parcialmente pelo governo, ainda responsáveis pela maior parte do emprego industrial e dos investimentos produtivos. Escoram suas teses também no domínio estatal do sistema bancário central e do comércio exterior, na manipulação econômica do câmbio, no controle do capital estrangeiro no país. Nenhuma dessas características determina o caráter socialista de uma formação social, tendo sido, algumas ou todas, habituais em países indiscutivelmente capitalistas, em algum momento de suas histórias, como na Alemanha, Itália, Coreia do Sul, Brasil, etc. (MERCATANTE, 16. 08. 2020.)

A tendência dominante e inexorável

Uma análise mesmo sumária da estrutura da propriedade industrial na China revela a tendência acelerada e inexorável do avanço da propriedade privada sobre os meios de produção e o recuo relativo da expansão das grandes empresas públicas, de menor produtividade e rentabilidade. A área privada avança e a pública recua em relação à primeira, além da última se

enquadrar crescentemente às determinações do setor mais dinâmico. As empresas públicas estatais (EPE) são proprietárias de 2/3 dos ativos totais industriais chineses, ficando portanto 1/3 nas mãos de proprietários privados. Estimativa que deve levar em consideração que muitas empresas públicas estatais possuem acionistas privados e muitas empresas privadas possuem o Estado como acionista.

Entretanto, o fundamental é que as empresas públicas *realizam* sua produção quase exclusivamente no mercado nacional e estão presentes no mercado internacional em forma marginal. Mais ainda, elas possuem uma rentabilidade em torno de 50% menor do que as empresas privadas, financiando suas expansões com empréstimos no setor bancário-financeiro estatal, que se tem endividado em forma portentosa. A dívida público-privada chinesa chegou, em 2020, a 317% do PIB, com uma participação de 82% das empresas públicas e privadas não financeiras. Uma situação não sustentável, mesmo a médio prazo, sem importantes sequelas. A tendência será a alienação das empresas públicas rentáveis ao capital privado nacional ou internacional. (ROBERTS, 2020)

As empresas públicas estatais, responsáveis em 1995 por 67% das exportações, respondem atualmente apenas em 10% por elas, tendo sido substituídas por empresas chinesas privadas de capitais internacionais e nacionais, que se dividem, em forma igual, os 90% restantes das exportações. Destaque-se que, em 2006, as empresas estrangeiras eram responsáveis por 60% das exportações e as empresas públicas, por 40%, sem praticamente qualquer representação das empresas privadas nacionais. Ou seja, houve um fortíssimo avanço do capital chinês privado nos quatorze últimos anos, com enorme recuo da esfera exportadora

pública estatal. A divisão paritária entre exportadores de capitais estrangeiros e chineses esconde uma enorme desigualdade em favor das empresas internacionais, que dominam em 80-85% as exportações de mercadorias de alto valor agregado, sendo que, dentre elas, 60-65% são empresas de capital exclusivamente não-chinês. Dos 15% restantes, 10% cabe a capitais chineses privados e 5% a capitais estatais. Um domínio do capital estrangeiro já definido, com razão, como “assombroso”. Entre as dez maiores empresas exportadoras, apenas duas são chinesas, a petroleira Sinopec e a Huawei, a última, objeto principal do atual ataque do imperialismo estadunidense. Nas mãos chinesas permanecem as exportações de escassa tecnologia. Entretanto, os quatro maiores bancos mundiais são chineses e estatais – ICBC, China Construction Bank, Agricultural Bank of China, Bank of China. (CARVALHO, 13/09/2016.)

Ao contrário das exportações, as inversões no exterior, que ocupam crescente importância para a economia chinesa, como já assinalado, são lideradas quase exclusivamente pelas empresas públicas estatais, registrando ainda a clara debilidade relativa do capital privado chinês monopólico, afastado do setor financeiro. Entretanto, contra-movimentos se fazem sentir, sobretudo nos últimos tempos, ao acirrar-se a ofensiva estadunidense contra a China. O Estado chinês impulsiona atualmente enorme esforço de autonomia plena do setor tecnológico estratégico. Em inícios de abril de 2021, concluiu-se a fusão das mega-empresas estatais químicas Sinochem Group e ChemChina, com vendas unificadas de uns US \$ 152 bilhões. Elas se transformaram no maior conglomerado mundial, com interesses em produtos químicos, energia, serviços financeiros e fortes aquisições no exterior — Pirelli, italiana; Syngenta, suíça. As duas empresas

e mais outras nove, acusadas pela administração Trump de serem companhias “militares chinesas comunistas”, foram proibidas de receber investimentos ianques. Entretanto, é difícil que os grandes capitais internacionais não queiram se associar a empresas de tal tamanho e rentabilidade, sobretudo no contexto da presente estagnação econômica mundial. (TABETA, 2 de abril de 2021.) Em sentido contrário, a China tem aberto, sob pressão estadunidense e europeia, seu sistema bancário-financeiro, para investimentos exteriores. O ICBC e o CCB, dois mega-bancos estatais, já realizaram joints-ventures com o Goldman Sachs e o Black Rock Inc. (PODER 380, 05/2021.) Em sentido contrário, como veremos, o Estado acirrou o controle de megaempresas chinesas que atuavam ilegalmente no sistema financeiro, em detrimento do monopólio estatal, expressão das necessidades gerais da economia do país. Em 2019, a China era a primeira exportadora mundial de mercadorias e quarta em exportação de capitais, com 8,9% dos investimentos internacionais, após o Japão (17%); os Estados Unidos (9,5%) e os Países Baixos (9,4%). A pandemia avançou os investimentos internacionais na China. “[...] em 2020, o investimento direto estrangeiro (IED, investimento no exterior) na China foi de US\$ 163 bilhões, um aumento anual de 18%, ocupando o primeiro lugar no mundo. O investimento direto no exterior (IDE) foi de US\$ 110 bilhões, uma diminuição de 1% anualmente, mas mantendo-se ainda o primeiro do mundo.” (China2Brazil, 2021.)

2. Um império economicamente declinante e militar, diplomático e financeiramente hegemônico

Nas últimas décadas de economia globalizada, os USA, primeira economia e potência militar mundial, conheceram indiscutível regressão produtiva relativa. Proposta que o embaixador Samuel Pinheiro Magalhães questionou em artigo recente, propondo a enorme superioridade estadunidense, em todos os domínios, sobre a China, quanto ao Produto Interno Bruto e Per Capita; aos recursos naturais, com destaque para o petróleo; ao orçamento militar e ao número de bases através do mundo; às terras nacionais aráveis; aos insumos energéticos; à influência cultural mundial, etc. Segundo ele, a política estadunidense de “preservação e afirmação” de sua “hegemonia” se manterá “por longo período”. (GUIMARÃES, 17.06.2020.)

Creemos que a valiosa e sintética avaliação do diplomata peque sobretudo pela percepção estática de uma situação de grande dinamismo. Sua análise do atual conflito é rígida e unilateral. A *fotografia* que faz da superioridade estadunidense, válida para o pós-guerra, há décadas vem sendo corroída. A rede mundial de bases estadunidenses pesa hoje mais do que contribuiu à sua estratégia militar, como registra a presente retirada total desastrosa do Afeganistão, em conclusão final. Os USA defrontam-se atualmente, no Oriente, com a China e a Rússia em íntima e crescente colaboração, em um conflito que se desenvolve sobretudo longe de seu território. E, mais grave ainda, Vladimir Putin preveniu a OTAN com a possibilidade de estabelecer tratado defensivo de fato com a China. “Uma aliança militar entre a Rússia e a China ‘não é um objetivo’”, mas é alternativa possível — declarou em 22 de outubro de 2020. (MOSCATELLI, 6/10/2020.) Nas fronteiras chinesas, não poucas nações se

escoram nos USA, mas não se dispõem a participar de conflito militar com o “Império do Meio” com o qual mantém estreitas relações econômicas, conviverão para *todo o sempre* e serão diretamente atingidas, em caso de confronto direto. Entre tantas outras questões, o embaixador não aborda o problema da desindustrialização estadunidense e do monstruoso déficit das contas públicas e do balanço comercial ianque, que segue em expansão, em 2021.

De 1960 a 1980, perdendo competitividade devido ao caráter *oligopólico* e *conservador* de sua produção, os “EUA tornaram-se grandes importadores daquilo que antes produziam e exportavam”. (MAMIGONIAN, 2018, p. 183.) De fábrica do mundo, passaram a supermercado do mundo! Em 1950, o PIB USA era de 50% do PIB Global – atualmente, é 24%. Hoje, o poder de compra da China supera o dos USA. Os Estados Unidos foram dessangrados por sucessivas guerras – Vietnã, Iraque, Afeganistão, etc. – nas quais foram derrotados ou não conseguiram vencer plenamente. Desde o 11 de setembro, até 2019, os USA teriam gasto em guerras no Oriente Médio quase US\$ 6,4 trilhões. (R7, 23/11/2019.) Sobretudo no processo de deslocalização industrial, perderam dezenas de milhares de empresas para China, México, Tailândia, Vietnã, etc. Acresceu-se ininterruptamente a dependência estadunidense das importações para o consumo familiar e produtivo.

O parque industrial e as infra-estruturas estadunidenses envelheceram relativamente. Acelerou-se a queda já em curso do valor médio do salário mínimo e do poder de consumo da população dos USA, enquanto os da China cresceram, apesar de se encontrarem, atualmente, em estagnação relativa. A crise de 2008 esgaçou ainda mais suas finanças públicas.

Nas últimas duas décadas, o país não lançou sequer uma grande iniciativa econômica estratégica, situação que a atual administração Biden procura reverter. A taxa de lucro médio do seu capital industrial encontra-se em longa estagnação. Enquanto isto, “na indústria da China” ela “não cai desde o fim dos anos 1990. (...) O crescimento chinês segue baseado em expansão produtiva e aumento de produtividade do trabalho, refletindo um modelo” já denominado como “Golden Age”, “em referência à fase do ciclo de expansão produtiva do pós-segunda guerra nos países capitalistas centrais.” (PARANÁ, & RIBEIROs. 12/ 2019, p. 59.) Os *déficits* públicos abismais ianques foram sustentados, como vimos, pela compra chinesa de títulos da dívida USA, financiada pelo enorme desequilíbrio da balança comercial estadunidense em favor da China. A vitória de Trump foi obtida denunciando essa realidade e propondo modificá-la — “*Make America Great Again*”. A administração Biden, por seu lado, propõe plano de relançamento da economia estadunidense e de investimento em infra-estruturas de valores siderais, já reduzidos, devido à oposição do Partido Conservador, de financiamento não explicado.

Após superar facilmente o desafio japonês, o capital imperialista USA em regressão relativa viu crescer a ameaçadora e dinâmica presença chinesa em praticamente todos os seus mercados. Como é da natureza das coisas, dois cachorros esfaimados e agressivos não subsistem em um espaço crescentemente limitado, brigando pelo mesmo osso. Vendo sua hegemonia questionada pela China, o Estado imperialista ianque vê fechar a janela de tempo na qual gozaria ainda de poder hegemônico para avançar iniciativas capazes de desorganizar o competidor vitaminado. Os USA mantêm hegemonia militar, diplomática, política e financeira relativa e guarda sob sua

subordinação-associação poderosas nações sub-imperialistas como a Inglaterra, o Japão, a França, a Alemanha. Sobre elas, a administração Biden procura restabelecer a hegemonia passada, fragilizada por quatro anos de unilateralismo trumpiano. Entretanto, nações como a Alemanha resistem ao proposto isolamento comercial da Rússia e da China. (PETRONI, 11/2020 p. 207-221.)

Os USA assentam sua hegemonia financeira no domínio do dólar como moeda de troca-refúgio internacional (IBAN, BIC, SWIFT, etc.), que se apoiava na sua soberania econômica e militar-diplomática. Recuando a primeira, se mantém, ainda, a segunda. O que permite àquele país seguir na também espoliação mundial financeira. A China tem realizado esforços crescentes, mas ainda restritos, em favor da internacionalização de sua moeda, *renminbi*, e das trocas não mediadas pelo dólar. Cada vez mais, o comércio chinês no sudeste asiático é feito em *renminbi*. O governo chinês ensaia uma pioneira substituição maciça da moeda papel por meio virtual de pagamentos. O Banco Central chinês iniciou na cidade de Shenzhen a distribuição de aplicativo estatal para pagamento realizado através do *yen digital* — 30 dólares —, com paridade à moeda oficial, expandindo em 2021 esse ensaio. Através de um *app*, que dá acesso a uma conta, o *yen digital* quebrará o monopólio virtual dos meios de pagamento chineses privados WeChat e o Alipay. O novo meio de pagamento virtual oficial chinês poderá contornar o sistema bancário internacional e o dólar. A Rússia já se desfez de praticamente todos os títulos da dívida pública estadunidense, fortalecendo suas reservas em ouro, e organiza um sistema substitutivo ao IBAN-SWIFT. (SHAMBAUGH, 2018, 51.)

Handicaps negativos

A China tem o domínio manufatureiro e exportador e se esforça para superar o seu *handicap* negativo relativo em importantes áreas, sobretudo em relação aos USA, que empreendem verdadeiro ataque às indústrias chinesas de ponta. Nos últimos anos, a China realiza avanços significativos quanto à tecnologia e ao armamento. Porém, há ainda desequilíbrio militar em favor dos USA, que será menor, caso o confronto se realize nas águas marítimas próximas à China. No caso em que Pequim conte com um eventual apoio russo, a vantagem se desequilibraria em favor da China. “O plano do Pentágono para um eventual conflito armado com a China, denominado de «batalha de ar e de mar», repousa sobre a capacidade de organizar um ataque maciço, aéreo e por mísseis, visando entre outros objetivos, as forças navais e as infraestruturas (chinesas).” (DAUPHIN, 01/03/2017.p. 34-43.) O fortalecimento militar chinês torna mais e mais obsoleta essa proposta, sem um apoio decidido do Japão e de Taiwan, difícil de ser obtido, no contexto de campanha ofensiva. Entretanto, a Rússia não ensaiou, até agora, qualquer proposta de apoio militar à China em conflito regional, sobretudo envolvendo a recuperação da ilha de Formosa. (CUSCITTO, 2021, 6, 106.) Um eventual pacto militar com a China permanece *curinga* permanente na manga de Putin.

A compreensão da República Popular da China como grande competidor começou a determinar a política estadunidense sobretudo na segunda administração Obama, que procurou manter o avanço chinês sob controle. Entretanto, a partir de 2016, houve verdadeiro salto de qualidade nessa política, com a administração Trump abandonando a esperança da administração Obama de acomodar a China às exigências estadunidenses, ajeitando-se às necessidades chinesas. Nos fatos, em 2016,

o desafio já estava posto. Os USA tentavam manter a unipolaridade de que haviam gozado após a desorganização da URSS, na Era Yeltsin (1991-1999), enquanto a China lutava pela convivência multipolar que, com o passar dos anos, levaria-a *normalmente* à hegemonia. Em espaço de tempo inelástico, os USA necessitavam reconquistar o dinamismo econômico e a hegemonia plena, programa a ser realizado através da — na visão de Trump — atração da Rússia e submissão da China, inimigo principal. Essa proposta foi reformulada parcialmente pela administração Biden que aposta na desorganização da Rússia, para enfrentar a seguir a China, sempre o principal oponente. Sobretudo na presente administração USA, trata-se de projeto de desarticulação *soft*, se for possível, ou *hard*, se necessário. O programa inicial estadunidense contra a China era uma campanha longa de desgaste. Atualmente, o acirramento do conflito já dificulta qualquer previsão, devido às razões que analisaremos com maior vagar.

Céus cerrados

Sobretudo durante as duas administrações Barak Obama, foram organizados e apoiados golpes militares e eleitorais na Argentina, Equador, Paraguai, Honduras, Brasil, Síria, Líbia, Ucrânia, etc., para impor governos títeres que facilitassem o saque por parte do capital estadunidense e impedissem e dificultassem as inversões-aquisições chinesas. No relativo à Europa, empreendeu-se terrível pressão sobre a Rússia, com o objetivo de desorganizar sua economia, sua sociedade e seu Estado, para que o país se submeta plenamente aos desígnios do capital imperialista, como na Era Yeltsin, e prossiga no esfacelamento que conheceu após dissolução da URSS. Donald Trump tinha, como proposto, como intenção inicial, aproximar-se da Rússia e de Putin e afastá-los da China. Iniciativa vetada pelo *Deep State*, sob a ameaça de

impeachment, que o obrigou a prosseguir no assédio àquele país. Essa política foi mantida e radicalizada pela administração J. Biden, apesar do *summit* com Putin de 16 de junho de 2021, seguido da grave provocação do *destroyer* da Marinha Real Britânica HMS Defender, ao violar águas territoriais russas (Crimeia), em 26 do mesmo mês.

As medidas de *bullying* anti-russo foram e são infundáveis e se agravam atualmente. A OTAN, que, após o fim da Guerra Fria, passou de postura defensiva-ofensiva à totalmente ofensiva, é a grande arma estadunidense no ataque à Rússia. (DAUPHIN, 01/03/2017, p. 34-43.) Ela incorporou antigos países integrantes do Pacto de Varsóvia (1955) e hoje mantém tropas junto às fronteiras russas. Trump se retirou do acordo “Céus abertos”, medida de distensão militar entre os dois países, e Biden se nega a retornar a ele. Navios da OTAN navegam no mar de Barents, no Círculo Ártico, próximo das águas territoriais russas, e seus aviões assediam as fronteiras da Rússia, em forma cada vez mais agressiva. Os USA e a OTAN financiaram o ataque à Síria, o golpe na Ucrânia, e, nesse momento, apossam a Bielorrússia, o Azerbaijão, etc. Apenas inaugurada, a administração Biden apoiou a política de retomada da pressão ucraniana às Repúblicas Autônomas de Lugansk e Donetsk.

Depois de semi-despedaçada, quando da destruição da URSS e na Era Yeltsin, a Rússia da Era Putin tem respondido com contra-medidas decididas, até agora vitoriosas — Ossétia do Sul; Ucrânia/Crimeia; Síria, etc. Em resposta às provocações ucranianas de maio de 2021, o governo russo declarou que não abandonará as populações *russas* de Lugansk e Donetsk, protegendo-as militarmente, se for necessário. O pronunciamento foi seguido de acúmulo de tropas maciças naquela região. (FSP, 9.abr.2021.) O resultado do crescente

boicote à Rússia pela União Européia e pelos USA resultou em uma indesejável cooperação cada vez mais estratégica com a China, o que tira a supremacia militar do imperialismo estadunidense no Oriente, em caso de maior convergência daqueles dois países. É notável o desenvolvimento atual da indústria bélica russa e sua produção petrolífera pode suprir enorme parte das necessidades chinesas. Crescem também as exportações de grãos russos para a China. Uma cooperação que contribuiu para minorar a difícil situação econômica russa.

Prevedendo escalada da agressão imperialista, o governo russo tem promovido ruptura preventiva de ligações internacionais com os Estados Unidos — zerou a participação do dólar no seus fundos de reserva, em favor da moeda chinesa; realizou fortíssimo entesouramento em ouro; estabeleceu rede internet nacional alternativa à internacional, controlada pelos USA; tem preparado alternativa ao SWIFT, igualmente sob comando estadunidense, para caso de marginalização russa pelo imperialismo no circuito bancário, etc. Entretanto, esse esforço pesa fortemente sobre sua economia, desafogada relativamente pela recuperação do preço do barril de petróleo, em 75 dólares (29.06.2021), depois de longos anos de depressão. A administração Putin tem apoiado fortemente o rearmamento do país na exportação de armas. Atualmente, a Rússia seria o segundo maior exportador de armamentos do mundo, em volume, (20%), após os USA (37%). (Russia Beyond, 19/03/2021.)

Jamais as relações dos Estados Unidos com a China — e com a Rússia — estiveram tão crispadas. Desde 2016, apoiando-se no enorme déficit comercial USA, Trump impôs mega-tributação das importações chinesas, acusando o governo chinês de *dumping* no comércio bilateral, através da desvalorização do *renminbi* em

relação ao dólar; de subsídios às indústrias chinesas; de roubo da tecnologia estadunidense, etc. Se esforçou para que manufaturas voltassem aos USA, procurando *reindustrializar* o país. Vimos que empresas que se retiraram da China não voltaram para os USA, estabelecendo-se em geral em outras nações do Oriente. Esse movimento de deslocação industrial desde a China antecede a pressão estadunidense e se deve sobretudo ao aumento do valor médio dos salários do trabalhador chinês. Em plena fase imperialista, a taxa de lucro do capital monopólico chinês passou a depender fortemente, não da exportação de manufaturados, mas de capitais (IED). Deslocamento que pode permitir ainda maior domínio pela China dos elos regionais e internacionais da cadeia produtiva global. (PARANÁ & RIBEIRO, 09/12/2019. p. 62.) A China respondeu e responde em forma moderada à tributação de suas exportações, que não modificou em forma substancial o padrão anterior de trocas comerciais. Em 2021, seguem aumentando as importações estadunidense da China, que ganha com a pacificação dos ânimos e continuação do *status quo* nas relações internacionais. Entretanto, o governo chinês se organiza igualmente na procura de autonomia dos USA sobretudo nas áreas centrais de suas atividades econômicas.

Avançando em sua ofensiva, Donald Trump proibiu as empresas estadunidenses de negociarem com conglomerados tecnológicos chineses, como a ZTE e a Fujian Jinhua e sobretudo a Huawei, que domina a tecnologia 5G, em implantação mundial. Pressionou, no mesmo sentido, duramente, as suas nações *aliadas*. A rede 5 G é o coração da “Quarta Revolução Industrial” — “internet das coisas”, inteligência artificial, veículos autônomos, novos armamentos, etc. A campanha alcançou resultados inegáveis. Inglaterra, Portugal, Austrália, Nova Zelândia aderiram à proibição; Itália, Portugal, Bélgica, Suíça e França flexibilizaram a participação ou se

dirigem para a interdição. (CUSCITTO, 6/11/2020.) A participação da empresa no leilão da 5G no Brasil segue em aberto. Trump se dispôs a financiar a Ericson e a Nokia na disputa com a Huawei pelo 5G. Por determinação da justiça estadunidense, Meng Wanzhou, 41, alta funcionária e filha do fundador da Huawei, Ren Zhengfei, encontra-se ameaçada de extradição para os USA no Canadá, acusada de ter desobedecido o embargo ianque contra o Irã. Em 170 países, a Huawei emprega atualmente em torno de 200 mil funcionários. O talvez grande paradoxo da campanha estadunidense contra a Huawei, acusada de permitir a espionagem em favor do exército chinês, é que os aparelhos daquela empresa tem impedido os USA de espiar os países que os utilizam. (MOROZOV, 10/2020, p. 22-3.)

Donald Trump fez o mesmo em relação à venda de armas russas, superiores e mais baratas que as estadunidenses, com destaque para a poderosa bateria antiaérea S-400 Triunfo. Procedeu do mesmo modo com o gasoduto russo-alemão *Nord Stream-2*, causando forte tensão com o governo alemão. A interdição da conclusão desse gasoduto foi anulada pela administração J. Biden, sob a justificativa de não azedar as relações com a Alemanha, que os USA pressionam fortemente em outros domínios. Em verdade, o gasoduto estava praticamente concluído, em maio de 2021. O imperialismo estadunidense combate o gasoduto por razões econômicas e estratégicas. Propõe suprir as necessidades da Europa com o gás estadunidense, transportado por navio, que resulta mais caro quando consumido, subproduto parcialmente sem mercado da extração do petróleo *cracking*. Em 2020, as petroleiras estadunidenses *cracking* possuíam um passivo de 200 bilhões de dólares com o sistema bancário, lastreado pelas reservas de seus campos petrolíferos, fortemente desvalorizados. Com o gasoduto *Nord Stream-2*, boa parte do fornecimento russo da Europa não passará mais pela Ucrânia e pela

Polônia, que cobram altos preços e avançam operações anti-russas apoiadas no controle territorial dos dutos russos.

Cerco militar

Ao igual do que faz, através da OTAN, contra a Rússia, já afinada com a orientação geral imperialista estadunidense, a administração Trump promoveu rede de alianças nacionais agressivas nas fronteiras chinesas, política privilegiada e potenciada pela administração Biden. A nova administração democrata tem investido na contenção-recuo regional da China e na disputa pelo Mar da China Meridional, estratégico para Pequim e rico em pesca e em possíveis reservas de petróleo. Essas águas são reivindicadas por Brunéi, Malásia, Filipinas, Vietnam e China. Biden tem priorizado a aliança dita Quad, conformada pela Austrália, sob governo conservador; pelo Japão, sob a autoridade de A. Abe, intervencionista; pela Índia, do nacionalista hindu de direita, Narendra Modi. A França de Macron e a Inglaterra de Boris Johnson se juntaram (sobretudo simbolicamente) à pressão naval anti-chinesa dos USA, que esperam envolver igualmente, se possível, a Alemanha. (BOULARD, 0/6/2021, p. 6.)

Pelo mar da China Meridional passa enorme parte do tráfico comercial marítimo chinês e mundial que, para alcançar o canal de Suez, o golfo de Oman, etc., tem que ultrapassar o estreito de Malaca, atualmente reivindicado pela Indonésia e a Malásia como águas territoriais. Respondendo à ofensiva imperialista, a China passou a controlar, ampliou e armou as ilhas *Paracel* e oito ilhas do arquipélago *Spratly*, no centro do mar da China Meridional, que reivindica em grande parte. A China tem desenvolvido mísseis DF-21 D intermediários, capazes de atingir os porta-aviões estadunidenses, e reforça seu poder nuclear, pequeno em relação aos USA. (MOTOSI, 10/2020, p. 18-19.) Biden, como Trump no passado, envia navios e aviões da Sétima Frota para navegarem e sobrevoarem águas que negam serem de

domínio nacional chinês. Nos últimos anos de seu governo, Trump vendeu armas avançadas para Formosa, sob a presidência de Tsai Ing-wen, independista, política reafirmada por Biden. A recuperação de Taiwan é imprescindível para a defesa das costas da China. Acirram-se as fricções fronteiriças entre a China e a Índia e o presidente Modi aproxima-se dos USA e aumentado a retórica e medidas anti-chinesas. (NARAVANE, 10/2020, p. 17-18.)

A ofensiva de Trump inseria-se em estratégia geral de longa duração, de contenção-recuo da China, sobretudo através de pressão econômico-comercial. Ela objetivava sobretudo modificações táticas, conjunturais, da relação de força entre os dois países, que obrigassem a China a concessões sobretudo comerciais, no que foi parcialmente vitoriosa. Intérprete sobretudo dos capitais nacionais estadunidenses, Trump concedia pouca atenção aos capitais estadunidenses globalizados investidos na China. O inter-relacionamento econômico e financeiro USA-China-mundo impedia a concretização de bravatas de Trump de rompimento de relações entre as duas nações, a não ser em um contexto de conflito já direto, pré-militar ou militar, o que estava fora do horizonte do Topete Dourado. No seu *script* geral, fazia parte o acordo *tático* concordado entre os dois países, em janeiro de 2020, de compras chinesas maciças nos USA; abrandamento e suspensão das imposições sobre as exportações chinesas; afrouxamento das interdições sobre as empresas tecnológicas, etc. No acordo, a República Popular da China “se comprometeu, nos dois anos seguintes, a aumentar as importações de bens e serviços dos Estados Unidos em nada menos que US\$ 200 bilhões em quatro grandes categorias: bens manufaturados, agricultura, energia e serviços.” (Casa Branca. 20 de maio de 2020.) Na Fase 1 do acordo, iniciada em

janeiro de 2020, o acréscimo das compras seriam de 77 milhões, jamais plenamente concretizado, sobretudo devido à pandemia. O acordo segue vigente. Entretanto, a política da administração democrata não é mera continuação da ofensiva sobretudo econômico-comercial trumpeana.

3. O ataque USA à China se radicaliza com a pandemia Covid-19

3.1. O Governo Republicano de Donald Trump e a campanha anti-chinesa

A crise Covid-19 eclodiu, na China, no mercado da cidade de Wuhan, em dezembro de 2019, acelerando fortemente as tendências dominantes das contradições inter-imperialistas China-USA. Após vacilação inicial, a direção chinesa compreendeu a dimensão da crise sanitária e a importância estratégica da epidemia para seu país sob o duro ataque estadunidense. Impôs quarentena total para a província de Wuhan, com sessenta milhões de habitantes, ou seja, a população italiana; determinou o financiamento público dos cuidados médicos; transferiu para a província médicos, enfermeiros, etc. de todo o país, e assim por diante. Conseguiu, desse modo, debelar o surto epidêmico em inícios de abril, com umas cinco mil vítimas, talvez o número de vidas ceifados no Brasil em um dia, durante os meses de março-abril de 2021. A seguir, impôs controle rígido no ingresso no país e no controle de eventuais focos, sem lançar inicialmente mão à vacinação geral da população. Mudando de política, em fins de junho de 2021, vacinava 20 milhões de habitantes por dia. Em julho de 2021, tinha, ainda, menos de 30% da população vacinada. Quando a China superava-controlava a epidemia, ela se espalhava pelo mundo. As sequelas econômicas foram grandes para a China, ainda que a produção industrial chinesa jamais foi interrompida em outras regiões do país.

A economia chinesa reagiu rapidamente no pós-Covid-19. Apesar da queda de 6,5% do PIB no primeiro trimestre, ela cresceu em 2,3% em 2020, enquanto se esperava um avanço de 6 a 7% antes da pandemia. Em 2020, as exportações cresceram em 3,6% em relação a 2019 — com destaque para suprimentos médicos, eletrodomésticos e eletrônicos de consumo — e as importações, em 1,1%. (Economia GI, 14/01/2021; Global Times: 2020/10/13.) A retomada da produção foi apoiada com descontos fiscais, com destaque para as empresas exportadoras, aumentando o endividamento público, que se procurava controlar. A recuperação foi sobretudo na atividade industrial e exportadora, mantendo-se inicialmente os consumidores e investidores chineses arredios. A rápida retomada foi permitida pela articulação nacional não-disruptiva da cadeia produtiva chinesa. No geral, a totalidade das peças para a composição dos produtos industriais é produzida na China. O que permitiu continuidade sem quebra do abastecimento do mercado nacional e rápida retomada das exportações, quando interrompidas. Enquanto o comércio mundial retrocedeu em pouco mais de 9% em 2020, nos seis primeiros meses, a participação chinesa no comércio mundial aumentou em 0,1%. De janeiro a julho, o comércio entre a China e a UE cresceu 2,6%, ultrapassando as trocas do Velho Mundo com os Estados Unidos. (Global Times Publicado: 2020/9/) O que caracteriza a conquista de novos mercados.

Dessa realidade, desdobra-se fenômeno em geral despercebido. Devido à recessão econômica geral, a produção chinesa não alcançará imediatamente o *top* de desenvolvimento anteriores à pandemia, já que a previsão do Banco Mundial, em fins de junho de 2021, é de 8,5%. A produção chinesa tende a conquistar e fidelizar mercados internacionais antes abastecidos por empresas de nações com, agora, suas cadeias produtivas desorganizadas e

mesmo destruídas parcialmente. A pandemia proporcionaria, em favor da China, processo semelhante à proposta “Destruição Criadora”, na qual as unidades e centros produtivos capitalistas mais dinâmicos e inovadores abocanham o mercado dos menos dinâmicos, de menor produtividade. Um processo que se acelera nos momentos de crise. O Covid-19 teria funcionado como tropas assaltando e ocupando as defesas de inimigos mais frágeis. Um avanço econômico que o capital imperialista estadunidense e seus anexos tendem a contrabalançar com medidas restritivas políticas, no relativo à ação de empresas da China.

Aceleração da ofensiva

A pandemia desvelou a desorganização e fragilidade estrutural da sociedade estadunidense. Apesar de ter chegado aos Estados Unidos, quase quatro meses após ter eclodido na China, em março, com 52 mortos por Covid-19 em 19 daquele mês, mais de três meses após seu anúncio na China, e se agravado nas semanas seguintes, o governo Donald Trump manteve visão negacionista da catástrofe, politizando fortemente seu combate, definindo o vírus como chinês e *invenção* chinesa. O presidente republicano confrontou-se com os governadores sobretudo democratas que tomaram medidas de diversa intensidade e desarticuladas, quando a crise assumiu caráter dramático, em Nova Iorque, Nova Jersey, Illinois, Califórnia, Massachusetts, Pensilvânia. Por meses, o Covid-19, debelado relativamente no nordeste estadunidense, espalhou-se pelo Meio-Oeste, Oeste e Sul, com, em 15 de outubro em torno de 215 mil mortos. Com o pico da epidemia em janeiro de 2021, os Estados Unidos já superavam a marca dos 600 mil mortos em fins de junho daquele ano, apesar do forte esforço de vacinação. Um número de baixas superior à mortandade da Guerra da Secessão, em 1861-65.

Apesar de jamais terem sido determinadas quarentenas radicais como na China, a economia estadunidense conheceu o maior retrocesso de sua história, 3,5% do PIB, em 2020. Resultados desastrosos apesar da fluvial ajuda governamental inicial de 3,5 trilhões de dólares às empresas, à saúde e à população. Para manter o consumo e a paz social, foram pagos, mensalmente, 2.400 dólares, ou seja, seiscentos dólares semanais, às dezenas de milhões de desempregados. Muitos deles ganharam ajuda-desemprego superior aos salários perdidos. Em abril de 2020, o governo federal enviou um cheque de até 1.200 dólares, assinado por Trump, a dezenas de milhões de estadunidenses carentes. Em julho, 16 milhões de trabalhadores recebiam subsídios por desemprego. Como o subsídio desemprego tinha como prazo o mês de julho, passou-se a discutir sua continuidade. Por medidas executivas, Trump manteve o salário-desemprego, reduzindo-o a quatrocentos dólares semanais. Setenta por cento da economia estadunidense se deve ao consumo interno. O comércio, serviços, etc. mantiveram-se com a distribuição multitudinária de recursos a fundo perdido.

Em 25 de maio de 2020, o assassinato por sufocamento de George Floyd, estadunidense negro, ensejou longas e duríssimas manifestações urbanas através dos USA contra o racismo, com forte participação de populares brancos. Elas expressaram o amplo e surdo descontentamento com as condições gerais de vida naquele país, especialmente para as populações negras e latinas, objeto de permanente discriminação racial. O citado Elias Jabbour, membro do Comitê Central do PC do B, e espécie de “homem que sabia Javanês” para assuntos chineses, mergulhando no terraplanismo sociológico, propôs no programa citado que o movimento *Black Lives Matter* (Vidas negras importam) seria estratégia do

imperialismo ianque para “conter a China na África”. Ninguém entendeu. (1:47:40)

Um novo patamar

A esperada depressão tendencial da economia estadunidense seguiu sendo combatida com mega-programa de investimentos do novo governo democrata. Entretanto, ela encontrará dificuldade em superar a sua perda de dinamismo em relação à economia chinesa, que se recuperou rapidamente e empreendeu promissora conquista *natural* de novos mercados. A crise Covid-19 acelerou tendências anteriores à pandemia. A estratégia estadunidense de contenção de médio e longo prazo do dinamismo chinês, apoiada em pressões financeiras, diplomáticas, militares, etc., para impor vantagens comerciais, tende a se mostrar arriscada. As *perdas* chinesas causadas pela ofensiva *ianque* tendem a ser menores aos avanços relativos daquele país, com estreitamento da atual referida supremacia USA. Mais do que antes, no pós-Covid-19, o tempo contribui para um maior espraiar mundial do grande capital chinês.

O governo Trump, obrigado a abandonar sua política inicial, acelerou a ofensiva exacerbando fortemente antigos temas e lançando novos, alguns de inusitada gravidade. Não se tratava mais de obter ganhos comerciais e recuperar a indústria estadunidense. A “iniciativa Rede Limpa” procurava impedir que as “empresas estadunidenses usassem os serviços de nuvem e de cabos submarinos chineses” e proibir a “exibição de aplicativos chineses nas lojas de apps”. (RASHAD, 21/07/2020.) Anunciou que a implementação da Fase 1 do acordo de janeiro de 2020 deixava de ser prioridade, diante da necessidade de frear o avanço chinês. Apesar de, na continuação, exigir seu cumprimento. Acusou a China de ter inventado, disseminado ou permitido a difusão mundial do Covid-19, que denominou de “vírus chinês”. Tema

retomado, a seguir, em forma oblíqua, por Biden. Propôs pedidos mundiais à China de indenização devido à pandemia. Ensaçou oposição ao combate do governo chinês ao movimento separatista de Hong Kong, com pronta participação da Inglaterra. Pôs fim às condições preferenciais daquele enclave financeiro, principal ponta de lança imperialista da ofensiva política no interior do território nacional chinês. Tentou requestrar o separatismo dos em torno de dez milhões de uigures de confissão muçulmana e língua própria, que vivem sobretudo na província de Xinjiang, no noroeste da China.

Essa região e povo fizeram tradicionalmente parte do império chinês, à exceção dos anos dos 1930 e 1940, quando se sucederam duas efêmeras repúblicas artificiais. Segundo o Departamento de Estado dos USA, desde 2017, estão ali detidos mais de um milhão de “uigures e membros de outras minorias étnicas e religiosas em campos de doutrinação, onde muitos enfrentam trabalho forçado, doutrinação ideológica e abuso físico e psicológico.” (Casa Branca. 20/05/2020.) Para além da política integracionista chinesa, trata-se de exageração de claro cunho propagandístico. O governo Trump ensaiou retomada da pressão sobre o Tibete, ao nomear um funcionário graduado como “coordenador de assuntos tibetanos”. Segundo o Departamento de Estado, ele “liderará os esforços dos EUA para promover o diálogo entre a República Popular da China e o Dalai Lama ou seus representantes, proteger a identidade religiosa, cultural e linguística única dos tibetanos e pressionar para que seus direitos humanos sejam respeitados”. Qualquer coisa como o governo chinês designar alto funcionário para apoiar a luta da população porto-riquenha contra o governo dos USA. O separatismo nacional tibetano possui raízes nacionais, étnicas, linguísticas e religiosas sólidas. O Tibete é

uma formação social singular, mantida no passado como vassalo do Império chinês, que permaneceu independente durante um longo período da primeira República Chinesa, tendo sido ocupado militarmente em 1950. (SPETALNICK& CADELL, 15/10/2020.)

Semi-condutores

Donald Trump fez tudo para impedir a venda de semi-condutores de ponta às empresas chinesas, com destaque para as vendas da TSMC, de Taiwan, vanguarda nessa produção. A China encontra-se alguns anos atrasada nesse setor tecnológico determinante. Trump havia proibido que empresas estadunidenses negociassem com gigantes da tecnologia chinesa como Huawei, ZTE (estatal), Fujian Jinhua, WeChat, como proposto. Assim sendo, determinou que a Tik-Tok, primeiro grande sucesso de empresa chinesa na área do entretenimento, com oitenta milhões de usuários ativos nos USA, sobretudo adolescentes, se retirasse do país ou vendesse o negócio. A escusa foi que o PCC poderia *rackear* as comunicações que se servirem desse canal *chinês*. Fala-se que a medida foi reivindicada pela direção do Facebook. (MOROZOV, 10/2020, p. 22-3.)

Em um memorando de 1982, o presidente Ronald Reagan insistiu que “a quantidade e a qualidade das armas fornecidas a Taiwan sejam condicionadas inteiramente à ameaça representada pela RPC”. Em 2019, os Estados Unidos aprovaram mais de US\$ 10 bilhões em vendas de armas para Taiwan.” (MOROZOV, 10/2020, p. 22-3.) Em 9 de agosto de 2020, Alex Azar, secretário da Saúde norte-americano, chegou a Taiwan, chefiando a missão estadunidense de mais alto nível à ilha de Formosa, desde 1979, quando do início da restauração capitalista na China. Concomitantemente, contratou-se a entrega de 66 moderníssimos F-16, na maior venda militar USA desde 1992 para a província rebelde chinesa. A China respondeu à provocação enfatizando sua presença militar marítima e aérea no estreito

de Taiwan e nas proximidades do espaço aéreo de ilha rebelde. (CUSCITTO, 2/02/2021. p. 139-146.)

O governo Trump passou a enviar com ainda maior frequência navios de combate, aviões, etc. para as águas do estreito de Formosa e para as regiões tidas como águas territoriais chinesas, no mar da China Meridional. Em 21 de julho de 2020, determinou o encerramento do consulado geral chinês de Houston, no Texas, invadido por agentes estadunidenses antes do prazo concedido para a suspensão da missão. Restavam apenas quatro consulados e a embaixada chinesa nos USA. Em 18 de agosto de 2020, o presidente estadunidense adiou *sine die* a reunião de avaliação da Fase 1 dos acordos de janeiro de 2020, prevista para o mês de agosto.

Abandonando acusações precisas, Mike Pompeo, Secretário de Estado de Donald Trump, propôs a necessidade de união mundial contra a tirania chinesa, “antes que a China mude o mundo”. Já não se tratava de conter o expansionismo econômico chinês, mas modificar seu governo, através de iniciativas que desestabilizem as suas economia e sociedade. Diante dessa ofensiva geral, a China se encontrava em posição difícil. Não podia responder à altura aos golpes estadunidenses, pois lhe interessa manter a paz para prosseguir com as trocas com os Estados Unidos e seus aliados, que lhe trazem benefícios, e ter tempo para avançar no armamento do país e defesa dos mares que lhe são fundamentais. Tudo para dissuadir agressões indiretas e diretas ao país. A reação chinesa tem sido sobretudo defensiva. Em maio de 2020, o governo central chinês anunciou a alocação de um trilhão e 400 bilhões de dólares, até 2035, para desenvolver e controlar tecnologias vistas como essenciais e superar a dependência, nessa área, com o exterior, com destaque para os USA – “desamericanização”. A iniciativa propõe

igualmente desenvolver o consumo interno. (MOROZOV, 10/ 2020, p. 22-3.) A Huawei acaba de anunciar o sistema HarmonyOS, que propõe adaptado a era da “Internet das coisas”, em elaboração desde 2012, a fim de diminuir sua dependência ao sistema Androide, da Google.

3.2. O Governo Democrata de J. Biden e a campanha anti-chinesa

3.2.1. Nada de novo no front, nada será como antes

Donald Trump foi derrotado devido à sua incapacidade de abandonar a política negacionista diante da pandemia, que lhe liquidou uma reeleição praticamente assegurada pelo avanço da economia durante sua administração (2016-2020). Ele caiu, entretanto, de pé. Em números absolutos, em 2020, sua votação foi superior a que obtivera em 2016. Sua manutenção como principal opositor do governo democrata foi comprometida parcialmente pela *invasão* do Congresso, em 6 de janeiro de 2021, por seus apoiadores, quando da apuração oficial da votação que confirmou a vitória a J. Biden. Momentos antes, Trump discursara dizendo que não aceitaria os resultados. A *invasão* resultou em cinco mortos. Fracassou a iniciativa democrata de promover *impeachment* de Donald Trump devido aos sucessos, retirando-lhe a possibilidade de uma nova candidatura em 2024. Acuada, Trump reconheceu a vitória de Biden e recriminou a *invasão* e as violências no Congresso. (MARS, 8.01.2020.)

A frente eleitoral democrata anti-Trump reuniu o grande capital imperialista estadunidense e internacional, que apresentou J. Biden, semi-senil e com passado de intervencionista internacional, como defensor da civilização, contra a barbárie trumpeana. Vice-presidente de Barak Obama, Biden “supervisionou”, em 2014, o golpe direitista na Ucrânia.

Quando daquela *operação*, seu filho, Hunter Biden, *play-boy*, ex-viciado, com negócios escusos construídos à sombra do pai, participava, não é difícil saber para que, do conselho da administração da Burisma Holdings, super-companhia privada de gás natural da Ucrânia. (MONGE, 29.09.2019.) Sobre aqueles sucessos obscuros, a grande mídia estadunidense e internacional manteve cortina de silêncio. O jornalista Glenn Greenwald foi censurado pelos editores *nacionais* e *ianques* do portal *Intercept Brasil*, que ajudara a fundar, ao propor artigo crítico sobre as relações escusas da família Biden na Ucrânia. (FSP, 29.08.2020.)

Para conquistar a difícil vitória eleitoral, a candidatura J. Biden flexibilizou seu programa à esquerda, retomando a defesa democrata tradicional do identitarismo negro, de gênero, de raça e a defesa do meio ambiente. Prometeu fortalecer os sindicatos; coibir despejos e execuções imobiliária; “adiar” — não cancelar— os pesados débitos dos financiamentos universitários. O candidato democrata realizou importante aceno aos trabalhadores, comprometendo-se com o aumento do salário mínimo para 15 dólares por hora, enquanto prometia a liberalização relativa da imigração, tradicional medida para manter deprimido o valor do salário nos USA. (MAESTRI, 2021.)

O controle drástico da imigração fora prometido e praticado por Donald Trump, que não alcançou a concluir seu “muro da China” na fronteira com o México. As promessas e a entronização de J. Biden na Casa Branca impulsionaram movimento maciço de imigrantes centro-americanos em direção à fronteira estadunidense, motivando a primeira pequena crise da neo-administração democrata, obrigada a reprimir um movimento migratório que quer ter sob controle. Essa operação, dirigida pela vice-presidente, tem sido

usada contra ela, sobretudo pelos que a propõem incapaz de substituir Biden, durante a presente administração ou como candidata à reeleição, em 2026. O neopresidente tem sido criticado por não avançar a prometida solução das mais de três mil crianças imigrantes, separadas dos pais, literalmente aprisionadas na divisa dos USA com o México. Seguiram igualmente as deportações aéreas de brasileiros indocumentados, tratados literalmente como criminosos. (ALVAREZ e COLLINS, 09 de março de 2021.)

Primeiras semanas

As primeiras semanas da administração democrata foram palcos de medidas publicitárias de impacto. J. Biden mandou interromper a construção do muro trumpiano. Tornou obrigatório o uso de máscaras nos prédios públicos. *Retornou* ao Acordo de Paris, ao Conselho de Direitos Humanos da ONU, à Organização Mundial da Saúde. Suspendeu a proibição de viagens aos USA de habitantes de alguns países muçulmanos e de venezuelanos. Nomeou mulheres e negros para altos cargos — uma mulher transgênero foi indicada para secretária assistente do Ministério da Saúde e deputada indígena como Secretária do Interior. Outras medidas de teor *civil* foram tomadas.

As duas grandes iniciativas deram continuidade a ações empreendidas na administração anterior — a forte aceleração da vacinação e um plano inicial de apoio financeiro às empresas e à população do país. Em meados de junho de 2021, em torno de 45% da população estadunidense estava totalmente vacinada. O que diminuiu substancialmente as mortes por Covid 19. Foi aprovado plano de US\$ 1,9 trilhões, para seguir mantendo o consumo interno e reativar a produção do país — o PIB do Brasil, em 2020, foi de 1, 45 trilhões de dólares. E é previsto um mega-investimento suplementar, de US\$

2,25 trilhões, destinado sobretudo a ampliar e recuperar as infraestruturas estadunidenses, a ser aplicado até 2028 — valor diminuído sob pressão dos republicanos.

O financiamento desses investimentos astronômicos seriam realizados sobretudo através de elevação do imposto das corporações, de 21% para 28% — proposta tímida, já que em dezembro de 2017, em sentido contrário, Trump realizara redução histórica da tributação sobre os lucros empresariais de 35 a 21%. Pretende-se, portanto, aumentar a capacidade do Estado na indução dos investimentos, com o conseqüente recuo da capitalização e capacidade de investimento das grandes empresas. Essa proposta encontra dura resistência no parlamento, onde é pequena a maioria democrata. O aumento do salário mínimo e da tributação contraditam igualmente a promessa democrata de relançar a produção USA. Essas iniciativas, se materializadas, causarão inegável enfraquecimento internacional do dólar e inflação interna, o que obrigará maior remuneração dos títulos da dívida pública estadunidense. (EMI. 20/12/2017.)

A grande guinada da administração democrata, em relação ao quadriênio trumpiano, deu-se no plano internacional, na política de enfrentamento da República Popular da China e da Federação Russa. Uma reorientação drástica menos perceptível devido à flexão no mesmo sentido do programa internacional de Donald Trump, fortemente determinada, sobretudo nos tempos finais de sua administração, pela pressão do grande capital globalizado, através do dito *Deep State* — o governo informal estadunidense pelas corporações internacionalizadas hegemônicas do país. Vimos que Trump expressou sobretudo os segmentos capitalistas tradicionais voltados ao mercado interno, subalternizados pelo capital internacionalizado desde as

administrações Bill Clinton (1993 e 2001). Facção do capital fortemente golpeada pelo movimento de globalização simbolizado na transformação do “Cinturão da Manufatura” (*Manufacturing Belt*) no “Cinturão da Ferrugem” (*Rust Belt*), com a deslocalização industrial e desindustrialização tendencial do país, no contexto da histórica queda da capacidade de consumo dos trabalhadores nos USA. (MAESTRI, 2021.)

America first

Donald Trump defendia a reindustrialização dos USA, através de, entre outras medidas, repactuação das relações comerciais internacionais do país e o estabelecimento de novos acordos que garantissem a “parte do Leão” aos USA. Advogava pelo retorno ao território pátrio das empresas e dos empregos ‘exportados’ para o Oriente, para a China, etc.. Programa que exigia fortíssimos investimentos internos que superassem as defasagens infra-estruturais estadunidenses. Os déficits comerciais abismais dos USA em relação à China, principal destino das empresas ianques expatriadas, tornava o “Império do Meio” o grande desafio comercial trumpiano, já que exigia fazer recuar o Dragão de fome pantagruélica.

O projeto de restabelecimento das relações comerciais internacionais em um novo patamar abarcava também a União Européia e o Japão, sem se limitar a esses importantes espaços econômicos. A reorientação neo-mercantilista do trumpismo ensejou ensaio de refundação das relações comerciais com a República Popular da China que se estendeu, matizado, aos principais aliados-clientes dos USA — Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Japão, etc. O multilateralismo tradicional das administrações estadunidenses foi substituído por bilateralismo não raro de singular truculência, a mais perceptível

característica da Era Trump. Política que mergulhou os Estados imperialistas associados-subordinados aos USA na insegurança.

Mesmo quando exercia crescente pressão militar, a guerra de Donald Trump contra a China tinha essencialmente objetivos *mercantis*, em alguma medida alcançados. Na arquitetura da sua política internacional se destacava a tentativa de aproximação dos USA da Rússia de Putin, com o objetivo de afastá-la da China, *objetivo* principal de sua agenda, como vimos. Em meados de 2018, Trump ensaiou movimento de abertura em direção à Rússia, ao sugerir eventual reconhecimento do retorno da Criméia àquele país e desconsiderar a proposta de “ingerência” de Moscou nas eleições estadunidenses. (MARS, 17.07.2018.) Ameaçado de ser destituído como *traidor*, abandonou aquelas propostas e intenções e iniciou adaptação, nos meses seguintes, à tradicional política de assédio à Rússia.

Apenas inaugurada, a administração J. Biden promoveu reconstrução-retorno ao *multilateralismo* com o qual, no passado, os USA organizaram e disciplinaram tradicionalmente seus *aliados-vassalos*. Uma de suas primeiras e principais ações foi reconstruir as relações com a OTAN, instrumento primordial na imposição-coordenação das grandes ofensivas hegemônicas estadunidense. Trump pusera em crise aquela aliança ao exigir maior participação européia no financiamento da OTAN; ao cortar significativamente a participação estadunidense naquele financiamento, etc. (GIELOW, 4.dez.2020.)

O grande inimigo

A administração J. Biden fortaleceu os laços e sua hegemonia sobre a OTAN; reativou antigas e criou novas alianças imperialistas, como a agressiva FIVE EYES (USA, Inglaterra, Canadá, Austrália,

Nova Zelândia); o QUAD — Diálogo Quadrilateral sobre Segurança — Estados Unidos, Índia, Austrália e Japão; aliança de parlamentares USA, da UE, do Japão, etc. Em todas essas instâncias, assim como em tratados bilaterais específicos, a neo-administração democrata definiu a República Popular da China como o grande adversário a ser abatido, devido a propostas sede de hegemonismo do Estado chinês, as suas instituições anti-democráticas, as suas violações dos direitos humanos em Hong Kong, no Tibete, em relação a minorias nacionais, etc. Acusações já levantadas quando da aceleração da campanha anti-chinesa de Trump. Retomou a retórica do vírus chinês. A ordem estatal russa foi definida como adversário menor, mas igualmente incompatível com os *valores ocidentais*. Entretanto, o *Velho Mundo* resiste em mergulhar na chinofobia USA — a China é um importante parceiro comercial europeu, constituindo, assim, ameaça militar ao Velho Continente.

A administração democrata empreendeu salto de qualidade em relação à Era Trump, mesmo em relação ao período de “formatação” da ação de Trump pelo *Deep State*. O programa trumpeano almejava modificação radical das trocas mercantis internacionais em favor dos USA, com a reindustrialização do país, como proposto. Ao definir a incompatibilidade essencial entre o dito mundo *ocidental democrático* e o chinês e, secundariamente, o russo, a nova administração democrata aponta para a dissolução daqueles Estados. Milita pela submissão daquelas nações a situações semelhantes à vivida pela Federação Russa após a dissolução da URSS, durante a Era Yeltsin (1991-1999).

O programa da administração democrata, já proposto quando da candidatura derrotada de Hillary Clinton, em 2016, é a transformação dos imensos espaços econômicos, demográficos-geográficos

chineses e russos em reservas de caça do imperialismo estadunidense e de seus aliados. De certo modo, o projeto impulsionado pelo capital monopólico alemão e japonês, quando da II Guerra Mundial. O que permitiria uma “terceira idade de ouro para o capitalismo estadunidense”, após a “segunda”, obtida com a destruição da URSS e das Repúblicas Populares do leste europeu. Um relançamento da acumulação do capital ocidental por décadas, no contexto de reino mundial de barbárie fascizante. Para tal, impõe-se a desorganização dos Estados centralizados chinês e russo, expressão de capitais endógenos, nacionais e internacionais, que, em processo de reprodução ampliada, necessitam exteriorizarem-se, assumindo, como vimos, no caso da China, um claro caráter imperialista.

No geral, trata-se do mesmo programa impulsionado com sucesso no Brasil, através do golpe de 2016, que vem completando a metamorfose institucional e econômica do país de nação semi-colonial em nação neocolonial globalizada. Nação reduzida, no econômico, a produtora de grãos, de carne, de energia, de minérios e de produtos industrializados de baixo valor agregado. Um país, na esfera política, sob regime nacional comandado no fundamental pelo *capital imperialista estadunidense*. (MAESTRI, 2019.)

Como chegar lá

A mudança da estratégia estadunidense foi impulsionada pelo avanço da República Popular da China, superando em alguns domínios e se aproximando do USA entre outros. Um movimento já em forte aceleração durante as administrações Obama que estreitava cada vez mais a janela de tempo na qual o imperialismo estadunidense, em regressão tendencial, dispõe de forças militares, diplomáticas e financeira etc. suficientemente fortes para interromper o avanço chinês, como

proposto, apoiado em seus *aliados*. Disputa que se travava igualmente em forma violenta no campo tecnológico. Janela de tempo que se estreitou e se estreita fortemente com a instalação da epidemia, em 2019, que pôs a descoberto fragilidades estruturais dos Estados Unidos, como também assinalado.

A “guerra és — lembrava N. Bukharin — la forma más elevada de la concorrência capitalista.” (BUJARIN, 1973, p. 33.) É difícil avançar previsões mesmo exploratórias sobre os possíveis desdobramentos da ofensiva do imperialismo estadunidense e de seus aliados contra a República Popular da China e a Federação Russa. As eventuais tendências gerais desse movimento se processarão no contexto de mudanças-adaptações de orientação e de conjunturas imprevisíveis. Porém, parece claro para o imperialismo estadunidense sua atual impossibilidade de enfrentar aquele que define como “**rival estratégico**” — a China — e todos os seus propostos “inimigos secundários” — Rússia, Irã, Coreia do Norte, Síria, Venezuela, Cuba.

Sobretudo quando não é possível ou interessante o ataque militar direto, como os realizados na Iugoslávia, Síria, Líbia, o imperialismo tem se servido, com bons resultados, do assédio geral e do bloqueio econômico para erodir a economia e dilacerar a sociedade, enfraquecendo e destruindo os Estados que lhe resistem. Servindo-se para isso das chamadas “Revolução Coloridas”: Checoslováquia, em 1989, “Revolução de Veludo”; Geórgia, em 2003, “Revolução Rosa”; Ucrânia, em 2004, “Revolução Laranja”; Quirguistão, em 2005, “Revolução das Tulipas”, etc. O maior fracasso dessa modalidade de ofensiva foi em abril-junho de 1989 na esplanada da Porta Celestial (Tiananmen), na China. (MAITAN, 1999.)

O assédio econômico imperialista, sob as mais diversas formas, contribuiu para a dissolução da URSS e dos Estados operários, a partir de 1989, e para a evolução de Cuba em direção à organização capitalista, com a presente possibilidade de aceleração política não controlada dessa reconversão. Essa política foi amenizada, em relação ao Irã, quando da administração Obama, com os acordos de 2015, e retomada furiosamente por Trump, que sobrecarregou o país de sanções. Essa forma de agressão jamais se interrompeu quanto à República Democrática da Coreia, desde a guerra dos anos 1950, em que o país foi praticamente arrasado. A Venezuela tem conhecido um bloqueio infernal. Sobretudo desde o golpe de Estado da Ucrânia, em 2014, a Federação Russa conhece um assédio quase geral dos USA e da União Européia.

A agressão-isolamento econômico-diplomático causa danos terríveis aos Estados, nações e populações submetidos a ela. Porém, nos últimos anos, sobretudo a Rússia, a Coreia do Norte e o Irã, e mesmo a Venezuela, resistem a esse tipo de agressão, fortalecendo a autonomia nacional no relativo à economia, à tecnologia, ao armamento, etc., com alguns avanços. A Coreia do Norte se transformou em potência atômica avançada, afastando a possibilidade de ataque militar imperialista. O Irã assumiu indiscutível posição de potência regional, capaz de responder duramente a ataques militares estadunidenses e israelenses. A Rússia, apesar da queda do valor do petróleo e das sanções estadunidenses e européias, ultrapassou os USA em alguns tipos de armamentos táticos e estratégicos, e se prepara para um eventual bloqueio estadunidense nas finanças, comunicações, etc., como vimos.

Preparando-se para o pior

A China investe fortemente no armamento moderno defensivo e ofensivo e nos setores tecnológicos nevrálgicos em que se encontra em atraso relativo. Rússia, China, Irã têm apoiado a Venezuela que conheceu alívio relativo da pressão imperialista devido à profunda crise em que se encontram atualmente o Brasil e a Colômbia. A política de médio e longo prazo de bloqueio, sanções, etc. das nações agredidas, precedendo eventual ataque às mesmas, parece não se adaptar mais para, sobretudo, o combate à República Popular da China. O “Império do Meio” superou a crise pandêmica com um número ínfimo de mortos, relançou sua economia em forma relativamente auto-sustentada. Enquanto a retomada econômica estadunidense depende de subsídios do consumo e da produção, a fundo perdido, sem certeza de sucesso. Distribuição de fundos públicos que, até agora, seguiram alavancando as importações estadunidenses desde a... China.

Biden retomou as discussões com o Irã, que conheceu vitória indiscutível na Síria e no Iêmen, obrigando aproximação da Arábia Saudita, seu inimigo histórico regional, ao lado de Israel. Ensaiou pacificação muito relativa com a Rússia, com o encontro, de 16 de junho de 2021, com Putin, na Suíça. Promoveu a retirada desastrosa das tropas estadunidenses do Afeganistão. Em 18 de junho de 2021, o próprio Pentágono anunciou a redução de tropas, de baterias antimísseis, etc. no Oriente Médio, para deslocá-las para zonas prioritárias — China e Rússia. (OPOVO, 18/06/2021.) Mas qual será a forma de confronto, se for verdade que a política de erosão lenta da economia e da sociedade chinesa e russa não mais corresponderem à perda de dinamismo estadunidense?

Está fora de questão, a médio prazo, uma guerra frontal dos USA com a China ou com a Rússia — ou pior ainda, ambas

unida. Ela resultaria, no melhor dos casos, no aniquilamento parcial do Estado vencedor e lançaria a economia mundial em depressão profunda, por talvez décadas. Os grandes aliados estadunidenses europeus e asiáticos não acompanhariam os USA nessa aventura, já que seriam os mais ameaçados. No centro da estratégia imperialista estadunidense parece estar a promoção — ou a ameaça — de um conflito militar regional. Os possíveis cenários seriam múltiplos: o mar da China Meridional, Hong Kong, Taiwan, no Oriente; Bielorrússia, Ucrânia, Criméia e Donbass, na Europa.

Uma grave crise regional, com choques militares limitados, no mar da China Meridional, em Hong Kong, em Taiwan, na Criméia, em Donbass, etc. permitiria a galvanização das alianças anti-russas e anti-chinesas em organização e consolidação, com bloqueio financeiro, econômico e militar de um ou das duas nações. Uma corrida armamentista, já em curso, com fortes investimentos dos USA, da OTAN, do Japão, etc. pode comprometer a economia russa, como comprometeu a economia soviética. Entretanto, Putin se nega a se lançar nessa disputa, procurando fazer do rearmamento russo um negócio exportador. Um cerco à China, com depressão da atividade econômica, pode abalar fortemente o consenso social interno do país e, portando, a autoridade do Estado burguês autoritário, que se mantém pela repressão e sobretudo devido à expansão da renda nacional, hoje em estagnação tendencial. Algo tentando pelo imperialismo em Tiananmen, em 1989. O PIB per capita chinês saltou de 194 dólares, em 1980, a pouco mais de nove mil, em 2015. Avançar mais, agora, não é fácil. (RIBEIRO: 2016, 14; GOLUB, 2019.) Xi e Putin gozam atualmente de amplo consenso interno, que não resistirá à instalação de depressão das condições de existência em seus países.

Longe do ringue

Alguns desses cenários de conflito colocam problemas tático-estratégicos para o imperialismo estadunidense. Com as forças da OTAN cada vez mais coladas às suas fronteiras, intervenções em Donbass e na Criméia são tidos como ataque direto à Rússia e Putin declarou que a Federação é uma potência nuclear e não pretende travar guerra tradicional de posições, esgotando seus recursos na defesa de suas fronteiras. (PEDROSO: 2016, 18.) Em 2021, a concentração de tropas ucranianas junto a Donbass foi respondida com rápida mobilização de tropas maciças russas e a lembrança que tal aventura levaria à destruição da Ucrânia. Ou seja, a anexação dos territórios habitados majoritariamente por população de língua e cultura russa, para protegê-las. Territórios e populações que Putin lembrou pertencerem no passado recente à Rússia e terem sido entregues à Ucrânia quando era parte da URSS, um Estado fortemente centralizado.

O imperialismo estadunidense não possui ainda condições militares para vencer um confronto localizado no mar da China Meridional. Atualmente, acirra o assédio navegando em águas reivindicadas pela China como territoriais — ilhas Paraceles e o arquipélago das Spratleys; promove manobras navais na região, com o Japão, a Inglaterra, a França, a Austrália, a Índia, etc.; realiza milhares de vôos ao longo das costas chinesas, estabelecendo postos de observação por toda a extensão das mesmas, etc. (BOULARD, 06/2021, p. 6.) A maioria de seus aliados regionais possivelmente não o seguiriam em uma aventura, dirigida por uma poderosa mas distante nação, contra o igualmente poderoso vizinho da casa ao lado, que não pretende se mudar, como assinalado. As bases militares USA no Pacífico, sobretudo no Japão, encontram-se distante do local do conflito — cerca de três mil quilômetros.

Em caso de confronto, os porta-aviões, armas estratégicas nos grandes combates navais da II Guerra Mundial, serão imediatamente retirados da área de conflito, devido à fragilidade diante dos mísseis hipersônicos. O grande apoio ianque na região segue sendo Taiwan. Entretanto, na Europa ou na Ásia, um conflito local de pequena dimensão, como proposto, pode dar lugar a um duro boicote pelo imperialismo e seus aliados da Rússia ou da China, com os objetivos propostos. A China não pode aceitar, sem ampliar o conflito, o bloqueio ou dificuldades nas suas linhas marítimas de exportação e importação, sobretudo através do Estreito de Malaca. Ela vem investindo pesado em um corredor de três mil quilômetros através do norte do Paquistão para encurtar as distâncias e os gastos, e, sobretudo, autonomizar suas importações, com destaque para o petróleo, do gargalo de Malaca. (JUN, 2018, p. 40.)

Em 23/06/2021, em provocação mal organizada, aprovada por Boris Johnson, e certamente oficiosamente pelos USA e pela Otan, o *destróier* HMS Defender da marinha britânica penetrou três quilômetros nas águas territoriais próximas à Criméia, afirmando estar navegando em águas ucraniana. Ou seja, pretendia expandir para aquelas águas a passagem permanente de navios de guerra realizada pelos USA no relativo às águas reivindicadas pela China em torno das ilhas *Paracel* e do arquipélago *Spratly*. Ou seja, colocar por terra a autoridade russa sobre a Criméia! Mantendo o sangue frio, o governo russo intimou o navio britânico a voltar para as águas internacionais e foram feitos disparos de advertência por navio e lançado bombas por avião, avisando que seriam seguidos, se desobedecidos, de ataque ofensivo. (BR.SPUTNIK.NEWS.COM. 24/06/2021)

Aumentando a trapalhada, papéis secretos do Ministério da Defesa, ditos perdidos, terminaram na redação de jornais britânicos, sendo publicados parcialmente pela BBC. Eles foram certamente *revelados* por facção militar e política do Estado inglês oposta àquela provocação. Eles registram que se esperasse resposta russa “agressiva”. O navio e o governo inglês recuaram com o rabo entre as pernas, negando infantilmente o confronto, após revelado por filmes e gravações russas, que protestou duramente junto ao governo de sua majestade imperial. A grande imprensa mundial pouco noticiou a atrapalhada inglesa que delineou o perfil geral de eventual provocação anti-russa e anti-chinesa. (BR.SPUTNIK.NEWS.COM. 27/06/2021)

O imperialismo estadunidense avança seu cerco e assédio à Federação Russa e à República Popular da China, arrastando em sua aventura as nações aliadas-tributárias. Impõe-se a defesa dessas duas nações, independentemente do caráter capitalista de suas formações sociais. Suas destruições, além do desastre humanitário que significaria, resultaria em uma ainda maior hegemonia da barbárie imperialista estadunidense sobre o mundo. Desse fato não se pode deduzir qualquer caráter progressista da Federação Russa e, ainda menos, da República Popular da China, já claramente imperialista, no sentido leninista do termo. Os capitais chineses e, secundariamente, russos, exercem ação deletéria sobre as classes trabalhadoras de seus países e dos países em que eles intervêm. Suas vitórias nesse conflito construiriam apenas um novo espaço de intervenção imperialista monopolar. Apenas o avanço da revolução socialista através do mundo e a superação das divisões e barreiras nacionais podem garantir a superação desse impasse histórico e ameaça à sobrevivência da humanidade.

*

Textos anteriores

MAESTRI, Mário. 1. **O Despertar do Dragão. O Nascimento do Imperialismo Chinês.** A Revolução Chinesa, o Grande Salto Adiante, A Grande Revolução Cultural proletária. (1949-1978) Cadernos do GPOSSHE On-line. 2021-05-23. <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/5485>

MAESTRI, Mário. 2. **O Despertar do Dragão. O Nascimento do Imperialismo Chinês. O Despertar do Dragão.** A Via Chinesa da Restauração Capitalista. (1978-2002). ESTUDIOS HISTÓRICOS, Año XIII – Julio, 2021 - Nº 25 – ISSN: 1688-5317. Uruguay. <https://estudioshistoricos.org/25/eh2501.pdf>

MAESTRI, Mário. **O Despertar do Dragão. O Nascimento e Apogeu do Imperialismo Chinês.** 4. A China Está Comprando o Brasil. E o imperialismo ianque não está gostando (no prelo).

Referências

ALVAREZ, Priscilla e COLLINS, Kaitlan. Crianças imigrantes sem os pais lotam celas da polícia da fronteira nos EUA. CNN Brasil, 09 de março de 2021. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/03/09/criancas-imigrantes-sem-os-pais-lotam-celas-da-policia-da-fronteira-nos-eua> (acessado em 18.06.2021.)

ASPENIA. China Watch. La grande sfida: gestire l'impero cinese. Aspenia, La terza rivoluzione cinese. 82, Milano, 2018.

BOULARD, Martine. L'Alliance atlantique bat la campagne en Asie. Le Monde Diplomatique, 06/2021, p.6. <https://www.monde-diplomatique.fr/2021/06/> (acessado em 18.06.2021.)

BR.SPUTNIK.NEWS.COM. 24/06/2021. 'Podemos bombardear': Moscou faz advertência após destróier britânico ter violado fronteira russa. <https://br.sputniknews.com/russia/2021062417693432-podemos-bombardear-moscou-faz-advertencia-apos-destroier-britanico-ter-violado-fronteira-russa/> (acessado em 29.06.2021.)

BR.SPUTNIK.NEWS.COM. 27/06/2021) Papéis secretos sobre passagem do destróier Defender são achados em ponto de ônibus, diz BBC. <https://br.sputniknews.com/europa/2021062717707010-papeis-secretos-sobre-passagem-do-destroier-defender-sao-achados-em-ponto-de-onibus-diz-bbc-foto/> (acessado em 29.06.2021.)

BUJARIN, N. *El imperialismo y la economía mundial*. Buenos Aires: Pasado y Presente, 1973.

Casa Branca. Abordagem estratégica dos Estados Unidos para a República Popular da China. 20 de maio de 2020. <https://2017-2021-translations.state.gov/2020/05/05/abordagem-estrategica-dos-estados-unidos-para-a-republica-popular-da-china/index.html> (acessado em 18.06.2021.)

China2Brazil. China tem o maior investimento estrangeiro direto (IED) e investimento direto no exterior (IDE) do mundo em 2020. 26 de abril de 2021. <https://china2brazil.com.br/china-tem-o-maior-investimento-estrangeiro-direto-ied-e-investimento-direto-no-exterior-ide-do-mundo-em-2020/> (acessado em 18.06.2021.)

CARVALHO, Julia. As 20 maiores empresas abertas da China segundo a Forbes. EXAME, 13/09/2016. <https://exame.com/negocios/as-20-maiores-empresas-abertas-da-china-segundo-a-forbes/>

CEBC, 11/09/2020. Retomada da China é baseada em investimentos e dívida crescerá mais, diz economista. <https://www.cebc.org.br/2020/09/11/retomada-da-china-e-baseada-em-investimentos-e-divida-crescera-mais-diz-economista/> (acessado em 29.06.2021.)

CUSCITTO, Giorgio. Cinquant'anni e non sentirli: l'Italia celebra in sordina i rapporti con la Cina. Limes, 6/11/2020. <https://www.limesonline.com/rubrica/italia-cina-50-anni-anniversario> (acessado em 18.06.2021.)

CUSCITTO, Giorgio. Taiwan, gli USA e la Strategia del Porcospino. Limes: Rivista Italiana Di Geopolitica. Torino. 1, 2/02/2021. p. 139-146. <https://www.limesonline.com/cartaceo/taiwan-gli-usa-e-la-strategia-del-porcospino?prv=true> (acessado em 18.06.2021.)

CUSCITTO, Giorgio. Perché la Cina ha bisogno della Russia. Limes, Limes: Rivista Italiana Di Geopolitica. Torino. 6/2021.

DAUPHIN, Jacques Le. Le plan du Pentagone pour un éventuel conflit armé avec la Chine, nommé « bataille de l'air et de la mer », repose sur la capacité à monter une attaque massive, aérienne et par missiles, visant entre autres les forces navales et les infrastructures. Les enjeux géopolitiques du bras de fer Otan-Russie. Recherches Internationales. N° 108 - Janvier-mars 2017. p. 34-43. <https://www.recherches-internationales.fr/RI108/RI108LeDauphin.pdf> (acessado em 18.06.2021.)

Economia GI, 14/01/2021. Exportações chinesas crescem em 2020, apesar da pandemia. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/14/exportacoes-chinesas-crescem-em-2020-apesar-da-pandemia.ghtml> (acessado em 18.06.2021.)

EMI. ESTADO DE MINAS INTERNACIONAL. Trump comemora promessa cumprida de reduzir impostos. 20/12/2017. https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2017/12/20/interna_internacional,926052/trump-comemora-promessa-cumprida-de-reduzir-impostos.shtml (acessado em 18.06.2021.)

FSP, Rússia muda de tom e fala em agir se houver guerra civil na Ucrânia. 9.abr.2021. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/04/russia-muda-de-tom-e-fala-em-agir-se-houver-guerra-civil-na-ucrania.shtml> (acessado em 18.06.2021.)

FSP, Glenn Greenwald acusa Intercept de censura e anuncia saída do site. 29.out.2020. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/10/glenn-greenwald-acusa-the-intercept-de-censura-e-anuncia-saida-do-site.shtml> (acessado em 18.06.2021.)

GIELOW, Igor. Saída de Trump de cúpula evidencia crise existencial da Otan. FOLHA DE SÃO PAULO, 4.dez.2020. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/12/saida-de-trump-de-cupula-evidencia-crise-existencial-da-otan.shtml> (acessado em 18.06.2021.)

GOLUB, Philip S. Entre les États-Unis et la Chine, une guerre moins commerciale que géopolitique. Le Monde Diplomatique, out. 2019, p. 8-9. <https://www.monde-diplomatique.fr/2019/10/GOLUB/60473> (acessado em 18.06.2021.)

GLOBAL TIMES. Wang Bozun and Chu Daye. China's successful handling of COVID-19, adequate industrial chains guarantee world supply amid pandemic. 13/10/2020. <https://translate.google.com/translate?hl=zh-CN&sl=en&tl=pt&u=https%3A%2F%2Fwww.globaltimes.cn%2Fcontent%2F1203277.shtml> acessado em 18.06.2021.)

GLOBAL TIMES. China se torna o maior parceiro comercial da UE. Por Tu Lei, 18/09/2020. <https://www.globaltimes.cn/content/1201350.shtml> (acessado em 18.06.2021.)

GOODMAN, David S.G., *Class in Contemporary China*, Cambridge, Polity Press, 2014, 29. *Apud*. MERCATANTE, Esteban. Los contornos del capitalismo en China. 16.08.20. Diario La Izquierda. <https://www.laizquierdadiario.com/Los-contornos-del-capitalismo-en-China> (acessado em 18.06.2021.)

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. A hegemonia dos EUA e a ascensão da China. Brasil de Fato, São Paulo, SP, 17 de Junho de 2020. <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/17/artigo-o-sistema-internacional-e-o-imperio-hegemonia-dos-eua-e-ascensao-da-china> (acessado em 18.06.2021.)

JUN, Fu. Pechino scommette sull'espansione. Aspenia, La terza rivoluzione cinese. 82, Milano, 2018.

LÉNINE, V.I. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. Lisboa: Avante!, 1984.

KRATZ, Agatha; MINGEY, Matthew; D'ALELIO, Drew. Em busca de alívio: a dívida externa da China após COVID-19. 8 de outubro de 2020. <https://rhg.com/research/seeking-relief/> (acessado em 18.06.2021.)

MAESTRI, Mário. O Despertar do Dragão. O Nascimento do Imperialismo Chinês. I. A Revolução Chinesa, o Grande Salto Adiante, A Grande Revolução Cultural proletária. (1949-1978). Cadernos do GPOSSHE On-line. Fortaleza, v. 4, n. Único, 2021. ISSN: 2595-7880 DOI: <https://doi.org/10.33241/cadernosdogposshe.v3i2.3024> (acessado em 18.06.2021.)

MAESTRI, Mário. *Revolução e Contra-Revolução no Brasil: 1530-2019*. 2 ed. Ampliada. Porto Alegre: FCM Editora, 2019. <https://clubedeautores.com.br/livro/revolucao-e-contra-revolucao-no-brasil> (acessado em 18.06.2021.)

MAITAN, L. (org). *La Cina di Tiananmen*. Bolsena: Massari, 1999.

MAMIGONIAN, Armen. O Mundo no final do século XX e início do século XXI. BPG. https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiAqaXp_iKTxAhVBqpUCHQCIBVcQFjABegQIAxAD&url=https%3A%2F%2Fpublicacoes.agb.org.br%2Findex.php%2Fboletim-paulista%2Farticle%2Fdownload%2F1505%2F1368&usg=AOvVaw0ZPgryD-DY3lziCITz-t0P (acessado em 18.06.2021.)

MARS, Amanda. Atuação de Trump com Putin enfurece republicanos: “asquerosa e vergonhosa”. El País, 17.07.2018. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/internacional/1531773515_983319.html (acessado em 18.06.2021.)

MARS, Amanda. Trump agora admite a derrota, condena a violência e promete facilitar transição para Biden. EL PAÍS, 8.01.2020. <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-08/trump-agora-admite-a-derrota-condena-a-violencia-e-promete-facilitar-transicao-para-biden.html> (acessado em 18.06.2021.)

[08/trump-agora-admite-a-derrota-condena-a-violencia-e-promete-facilitar-transicao-para-biden.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2021/01/08/trump-agora-admite-a-derrota-condena-a-violencia-e-promete-facilitar-transicao-para-biden.html) (acessado em 18.06.2021.)

MONGE, Yolanda. A polêmica vida de Hunter Biden, pivô da ação que pode levar os Estados Unidos a um impeachment. EL PAÍS, 29.09.2019. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/27/internacional/1569612952_135561.html (acessado em 18.06.2021.)

MOSCATELLI, Orieta. Putin apre all'alleanza militare con la Cina “per evitare brutte sorprese”. Limes, Rivista italiana di geopolitica. 6/10/2020. <https://www.limesonline.com/russia-putin-valdai-club-2020-cina-alleanza/120646> (acessado em 18.06.2021.)

MOROZOV, Evgeny. Bataille géopolitique autour de la 5GL. Monde Diplomatique, outubro de 2020, p. 22-3. <https://www.monde-diplomatique.fr/2020/10/MOROZOV/62292>. (acessado em 18.06.2021.)

NARAVANE, Vaiju. Pourquoi la Chine et l'Inde s'affrontent sur le Toit du monde. Monde Diplomatique, outubro de 2020, p. 17-18. <https://www.monde-diplomatique.fr/2020/10/NARAVANE/62300>. (acessado em 18.06.2021.)

O POVO. Com foco em China e Rússia, EUA reduzem arsenal militar no Oriente Médio. 18/06/2021. <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2021/06/18/com-foco-em-china-e-russia--eua-reduzem-arsenal-militar-no-orientes-medio.html> (acessado em 18.06.2021.)

PARANÁ, Edemilson & RIBEIRO, Valéria Lopes. Virtù e Fortuna: A Trajetória da Ação. Desenvolvimentista Chinesa e seus Desafios Contemporâneos. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. Setembro 2019 – Dezembro 2019. https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj_L-RpaTxAhXlp5UCHa3iBrsQFjAAegQIAHAD&url=http%3A%2F%2Fwww.revistasep.org.br%2Findex.php%2FSEP%2Farticle%2Fview%2F507%2F273&usg=AOvVaw2fXaJm8OnklLUGcBbTWeYS (acessado em 18.06.2021.)

PETRONI, Federico. L'America alla dolorosa riscoperta degli alleati. Limes: Rivista Italiana Di Geopolitica. Torino. 11/2020. p. 207-221. <https://www.limesonline.com/cartaceo/l-america-alla-dolorosa-riscoperta-degli-alleati?prv=true> (acessado em 18.06.2021.)

PODER 380, China approves Goldman Sachs, ICBC joint wealth management venture

25/05/2021.

<https://www.reuters.com/business/china-approves-goldman-sachs-icbc-joint-wealth-management-venture-2021-05-25/> (acessado em 18.06.2021.)

R7, EUA gastaram quase R\$ 27 trilhões em guerras no Oriente Médio. 23/11/2019. <https://noticias.r7.com/internacional/eu-a-gastaram-quase-r-27-trilhoes-em-guerras-no-orientes-medio-23112019> (acessado em 18.07.2021.)

RASHAD, Vijay. Por que os EUA tentam impor uma guerra contra a China, Brasil de Fato, 21/07/2020. <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/21/por-que-os-eua-tentam-impor-uma-guerra-contra-a-china> (acessado em 18.06.2021.)

RIBEIRO, Paulo Jorge da Silva. A Estratégia Militar Russa – Impacto na Defesa nos Países na União Europeia. Instituto Universitário Militar. Pedrouços, 2016. p.14. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/17359/1/TII_CPOG%202015-2016_VERSAO_FINAL_SILVA_RIBEIRO.pdf (acessado em 18.06.2021.)

ROBERTS, Michael, “China: three models of development”, Michael Roberts blog, julho de 2015. <https://thenextrecession.files.wordpress.com/2015/09/china-paper-july-2015.pdf>. (acessado em 18.06.2021.)

ROBERTS, Michael. China na pós-pandemia da década de 2020. AEPET, 25/05/2020, <https://www.aepet.org.br/w3/index.php/conteudo-geral/item/4706-china-na-pos-pandemia-da-decada-de-2020> (acessado em 18.06.2021.)

Russia Beyond. ALEKSÁNDROVA, Maria. Rússia é segundo maior exportador de armas do mundo. 19/03/2021. <https://br.rbth.com/educacao/85138-russia-e-segundo-maior-exportador-de-armas>, (acessado em 18.07.2021.)

SANJUAN, Thierry. *Atlas de la Chine*. Paris: Autrement, 2016.

SHAMBAUGH, David. *Dependent ma non troppo: il Sudest asiatico fra Cina e USA*. Aspenia, La terza rivoluzione cinese. 82, Milano, 2018.

SPETALNICK, Matt & CADELL, Cate. Reuters. China se irrita com indicação de enviado de direitos humanos dos EUA ao Tibete, 15.out.2020. <https://extra.globo.com/noticias/mundo/china-se-irrita-com-indicacao-de-enviado-de-direitos-humanos-dos-eua-ao-tibete-24693604.html> (acessado em 18.06.2021.)

TABETA, Shunsuke China ilumina megamerger químico para criar gigante de US \$ 150 bilhões Nikkei-Asia, 2 de abril de 2021, <https://asia.nikkei.com/Business/Business-deals/China-greenlights-chemical-megamerger-to-create-150bn-giant> (acessado em 18.06.2021.)

TAN, Su-Lin e NYABIAGE, Jevans. Quênia quer renegociar dívidas, taxas com a China quando o coronavírus atinge a não lucrativa linha férrea Mombasa-Naivasha. South China Morning Post, 03.10.2020. https://mcusercontent.com/3804e8517f18cc127a31574ee/files/eac0c796-6fcf-4432-a80d-cdf2e323c094/PT_Quenia_quer_renegociar_didvidas.pdf; (acessado em 18.06.2021.)

TESTA, Víctor. *El capital imperialista*. Buenos Aires, Fichas, 1975.

URBINA, Ian. Mistérios e o poder da frota pesqueira chinesa. Le Monde Diplomatique, Edição em português, 160, 30.10.2020. <https://diplomatique.org.br/misterios-e-o-poder-da-frota-pesqueira-chinesa/> (acessado em 18.06.2021.)

VALOR, China pode vender títulos do Tesouro dos EUA, diz imprensa estatal. <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/09/04/china-pode-vender-titulos-do-tesouro-dos-eua-diz-imprensa-estatal.ghtml> 04/09/2020. (acessado em 18.06.2021.)

Recebido em 2021-07-23
Publicado em 2021-09-01